

Jean CHARMOILLE
69, rue de Belfort
F. 25200 MONBELIARD. Tél: 03 81 94 46 26
e.mail: jean.charmoille@wanadoo.fr

Viver a pulsão, além da fantasia*

Em 24 de junho de 1964, ao cabo de seis meses de ensino sobre “os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Lacan, endereçando-se “àqueles que passaram desta experiência dessa relação opaca na origem ⁽¹⁾, à pulsão”, se surpreende: □ Como pode um sujeito que atravessou a fantasia radical viver a pulsão? Isto está além da análise e nunca foi abordado ⁽²⁾. O que Lacan, passador de Freud, transmite, passando a psicanálise? Será que com ele haveria um fim de análise *inédito até então*? Será que seu ensino visaria este *ainda não aí*? Deixemo-nos trabalhar por meio desta invocação...

A fantasia inconsciente e a descoberta da psicanálise

Geralmente se situa o nascimento da psicanálise no momento em que Freud pode receber o inesperado de um sonho ⁽³⁾.

De maio a setembro de 1897 (cartas 64 a 69 a Fliess), esta descoberta surpreendente o leva à dúvida e à angústia até que ele se renda ao que se passa com ele, uma revolução: não é mais o núcleo patógeno constituído pelas lembranças traumáticas reais (geralmente a sedução pelo pai) que é responsável pela neurose e seus sintomas, mas um núcleo reconhecido como sede de uma fantasia inconsciente cuja aproximação se assinala por uma crescente resistência.

⁽¹⁾ Trata-se da fantasia fundamental que não se reduz às fantasias conscientes, pré-conscientes e inconscientes no sentido de votos inconscientes significados nas formações do inconsciente.

⁽²⁾ J. Lacan, *Séminaire XI*, Paris, Seuil, pp. 245-246.

⁽³⁾ Carta 64, onde se descobre que sua teoria é sua fantasia por meio dos sentimentos excessivamente ternos por sua filha Mathide, chamada “Hella”.

Desde então, a técnica desvia-se das associações dirigidas para se voltar na direção daquilo que pode fazer ouvir, na transferência, os significantes da fantasia inconsciente. Mas o que será que funda esta nova atribuição da fantasia inconsciente na transferência a partir da virada do “Além do princípio do prazer”?

A fantasia fundamental

Lacan responde que esta é nossa hipótese, por meio do que chama “fantasia fundamental”. Em “Direção da cura e os princípios de seu poder”, de 1958, afirma que “o sujeito se mantém por meio da fantasia em seu uso fundamental no âmbito de seu desejo evanescente, porquanto a própria satisfação da demanda lhe furta o objeto”⁽¹⁾.

A fantasia inconsciente descoberta por Freud tem um “uso fundamental”, o de delimitar o campo transferencial em que as demandas não são para ser satisfeitas, já que não são senão transferências destinadas a manter no lugar um desejo qualificado de impossível no obsessivo, de insatisfeito na histérica e de prevenido no fóbico. Mas será que “seu”⁽²⁾ uso fundamental” se reduziria a esta evidência de sustentáculo do desejo instável e problemático? O que desencadeia o movimento que vem a ser a apreensão do desejo?

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967” sobre o psicanalista da École, faz surgir o inverso do cenário: “na virada em que o sujeito vê soçobrar a certeza que obtinha de sua fantasia onde se constitui para cada um sua janela sobre o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é mais do que aquela de um “des-ser” [*désêtre*]”⁽³⁾.

O que se percebe nessa virada o desdobremos à semelhança do chiste como experiência de discurso. Tanto a fantasia representa seu papel de garantir o perigo da falta no Outro, que o sujeito é mergulhado num estado de estupor fulminante, gozo persistente e total do Outro⁽⁴⁾ que o imobiliza. O que será que o movimento da apreensão do desejo desencadeará?

(1) J. Lacan, *Écrits*, p. 637.

(2) Sublinhado nosso.

(3) *Scilicet* 1, Seuil, 1968, p. 25.

(4) Reserva de gozo inconsciente na origem do automatismo de repetição que priva o instante do apelo da invocação siderante.

Um tempo intermediário, tempo de “des-ser” [*désêtre*], no qual uma nova transferência surge sobre o tempo, faz a apreensão do desejo tender ao “gozo-sentido” [*jouïe-sens*], ela, transitória, da *dritte Person* [“terceira pessoa”] ⁽¹⁾. Mas o que será que a desencadeou?

Para avançar, abramos estes dados de 1967 sobre o além da fantasia e a apreensão do desejo no diálogo entre o Outro e o pré-sujeito, seguindo a intuição de Alain Didier-Weill para que o além da fantasia seja o momento em que uma **invocação siderante** possa fazer pulsar novamente o humano, já que uma invocação primordial a advir como humana lhe foi transmitida pela alíngua ⁽²⁾, quando ele ainda não falava, *in-fans*, na borda da vida.

A invocação do Outro

Ainda que a minha relação ao Outro seja mediatizada pela fantasia, passo meu tempo, como eu, marcando os limites para impedi-lo de violar meu íntimo, “*eis que agora um Outro se dirige a mim, solicitando um auditor inaudito a quem ele faz ouvir esta novidade siderante “em você estou em casa” ... (e qual não é minha surpresa pois que) ouço também, em mim, uma voz inaudita que lhe responde: “Sim, é verdade, você está em casa”. Quem diz esse “Sim”? ... o sujeito do inconsciente. A quem ela diz “Sim”? A esta estrangeira absoluta que é a música (cuja significação pode transmitir a invocação siderante do Outro) à qual ela responde “Sim, você não é estrangeira a esse estrangeiro que eu sou”* ⁽³⁾.

Esta novidade, siderante para o saber já constituído, nos reconduz à casa de partida.

⁽¹⁾ Operador no lugar do Outro que se aproxima do que Lacan chama Significante Nome-do-Pai.

⁽²⁾ Por meio desse neologismo, Lacan nomeia o enigma do que transmitido pela língua materna.

⁽³⁾ Alain Didier-Weill, *Invocations, Dyonyosos, Moïse, Saint-Paul et Freud*. Calmann-Lévy, p. 14. Observemos, na troca entre o Outro e o pré-sujeito, a estrutura da mensagem inversa na origem do ato de palavra: “o emissor recebe do receptor sua própria mensagem de forma invertida.” (Lacan)

Real, Simbólico e Imaginário

O que será que se quer dizer na confissão dolorosa deste homem que não pode mais controlar o tempo e o espaço para depositar, como antes, sua “pasta pessoal” quando chega a seu trabalho e buscá-la em seguida ao voltar para casa? Se o pensamento não pode mais estar “instalado”, é porque a continuidade das fronteiras que anteriormente preservava *seu* privado desapareceu diante da invasão do *saber no real* cuja especificidade é ser um real *que diz a verdade e, sobretudo, que diz sem falar* ⁽¹⁾.

Que será que encontra esse analisando ao descobrir que seu analista usa óculos para se descobrir angustiada e boquiaberta, sem nem mesmo poder pensar? O fato de que não é mais ela que vê, mas que é olhada. O que será que aconteceu? Com as nomeações de Lacan, podemos adiantar que o “não claro” que ela encontra como falha no visível de seu analista logo a colocará diante da fragilidade de consistência no imaginário especular em que a transferência se desdobra.

Até então, ela sabia que seu analista sabia e que ela descobriria este saber. Se houvesse necessidade, ele lhe abriria passagem no momento certo porque ela sabia que ele sabia. Apenas que, no mundo narcísico construído à imagem de seu corpo, basta um detalhe, “uma mosca que voa ...ou pouco importa o que faça barulho, que nos surpreenda ... para encadear hora do campo de visibilidade de $i(a)$ ” ⁽²⁾. Tomemos a medida deste instante em que o real do objeto surgiu com olhar inesquecível na falha do visível de $i(a)$.

É o desaparecimento da nodulação escrita por Lacan, $i(a)$, que revela esta aparição. Até esse instante, poder-se-iam manter juntos os três elementos que são o imaginário especular, que dá forma à imagem, i , e o som do simbólico escrito pelo parêntese que põe entre parênteses o real do corpo, a .

A presença de seu analista, fazendo aparecer o real do objeto na transferência, faz desaparecer a nodulação. Uma renodulação entre as sessões coloca à prova o quadro: ela telefona assim que chega à casa, como a recomposição de sua imagem especular permite.

⁽¹⁾ J. Lacan, *Les non-dupes errent*, Seminário de 23 de abril de 1974 e *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*, Seminário de 15 de fevereiro de 1977.

⁽²⁾ J. Lacan, *Le transfert*, Seuil, p. 437.

Pulsão invocante e significância

Após algumas sessões em que a transferência mostrou o peso do real, ela ouviu que alguma coisa entrou em sua casa sem bater: ela não sabia o que era. O que ela sabia era que acolhera esse fugitivo que habitava a voz de seu analista. Para seu espanto e de seu analista, é agora que ela foi esquecida ⁽¹⁾ pelo “olhar cego”. Ela não saberia dizer o que ouviu; entretanto, ouviu bastante bem alguma coisa. O quê? Sem dúvida alguma, o “jamais ouvido”, alguma coisa que vem de Outro lugar.

Podemos relacionar este momento imprevisto com a abertura em eclipse do inconsciente. O “jamais ouvido”, o Outro lugar, impossível de apreensão e memorização, evoca a falta de consistência do objeto voz como objeto (a) inventado por Lacan. Neste instante, podemos supor que fica deixado, na transferência, o mais radical da transferência, um segredo até então secreto: não se sabia que neste lugar havia uma pulsão, a quarta, identificada por Lacan como “a experiência mais próxima do inconsciente” ⁽²⁾ cuja invocação pode nodular de outro modo e Outro lugar, o real, o imaginário e o simbólico.

Repercutindo, o Outro lugar do “jamais ouvido” da música da voz de seu analista deu sua chance ao enigma, o sentido da significação sendo transcendido pelo não-sentido da significância. Portanto, é esta que a faz transformar o peso do real do corpo em leveza, enquanto um imaginário que escapa ao poder do visível ⁽³⁾ aceitou dar forma a essa novidade. Uma nodulação a sustenta sem que ela saiba. Põe-se a falar novamente durante as sessões, o real da presença do “olhar” foi sendo esquecido. Sua relação ao espaço e ao tempo não é mais a mesma. O que será que seu analista poderá dizer disso?

A sideração sempre nova da pulsão invocante deu sua chance à inapreensível Alteridade que se transmite secretamente. Qual será o segredo que ela encerra? O de aparecer em plena luz para o bom entendedor, aquele que já não está lá. “Viver a pulsão” pode corresponder ao instante em que o bom entendedor que surgirá, advém desta nodulação secreta do real, do simbólico e do imaginário não especular...

⁽¹⁾ Para relacionar com a constituição do objeto como perdido.

⁽²⁾ J. Lacan, Séminaire XI, Paris, Seuil, 1973, p. 96.

⁽³⁾ Imaginário não especular que se origina da linguagem, a ser distinguido do imaginário especular que emana do visível.

Para instigar

Se o fato de ouvir sem que ela saiba o que ouviu é operante, é porque uma nova transferência sobre o tempo apareceu. Até então, ela não conhecia senão a transferência sobre o suposto saber, sujeito ou Outro. Num clarão, deu-se a ela, no âmbito do inesperado, o que pulsa ⁽¹⁾. Agora que o movimento novamente se desencadeia, o real do corpo retoma sua leveza e o espaço se abre porque a fantasia que o enquadrava adveio como perdida.

E será que não é esse o novo mundo que Lacan supõe no horizonte da interpretação por meio da aparição dos “significantes irreduzíveis fatos de não-sentido” ⁽²⁾, transmitido pelo analista ao analisando?

⁽¹⁾ Que não entra no campo da demanda e do que a delimita, a fantasia.

⁽²⁾ J. Lacan, *Livre XI*, Seuil, 1973, p. 226.

* Observação de 5/9/2001: Este texto foi escrito em 26 de junho de 2001 para o Lacano-americano. Nele falta a só-depois na exposição de 30 de agosto de 2001 em Recife (Brasil) que faz, atualmente, parte dele e posso agora enunciar: se o desaparecimento da imagem especular *i* (a) faz surgir “o saber no real” que imobiliza imediatamente o movimento pulsional da pulsão escópica (p. 4), a alteridade da pulsão invocante (p.5), dado que ela pôde ser recebida pelo analisando a partir do transmissor que foi subitamente o som da voz do analista, desencadeando novamente o movimento pulsional da pulsão escópica. Assim foi criado um tempo novo na transferência, o do emaranhado da pulsão invocante e da pulsão escópica. Esta afirmação baseia-se na afirmação de Freud segundo a qual o inconsciente não conhece o tempo no sentido cronológico já que não senão “abertura”, eclipse, inapreensível pelo imaginário especular do mestre do pensamento que é o eu.

